



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



◆◆ Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA ◆◆

UMA senhora Coelha fazia muito gosto na sua ninhada e decidira, nesse dia, ir apresentá-la à parentela que vivia nesses matos.

Quando o sol, com a sua luz tão risonha, encheu de alegria os campos, já ela atarefada, tratava de aprontar os coelhinhos para aquela passeata.

— «Meus filhos, — (dizia, enquanto lhes lavava os focinhos franzidos e lhes espanejava a pelagem macia) — quero que pareçam muito bem! Vossos primos pequeninos são todos uns mi-mos de graça e de beleza! Os meus queridinhos não lhes hão-de ficar atrás.» —

Mas o facto é que aqueles meninos coelhos eram farruscos, feiosos e não pareciam tão bem como o olhar da mãe os julgava!

Tôda vaidosa, a senhora Coelha não descansava do fadário de os pôr uns brinquinhos, para a apresentação à família.

A sua saída fez sensação! No charco tôdas as rãs espreitaram curiosas e logo coaxaram, em risinhos de troça:

— «Dona Coelha tem muita telha, em ter vaidade, pois, na verdade, é descabida, e sem medida, que os coelhinhos são feiozinhos!» —

Os bezouros zumbiam, entre a folhagem, em zumbido de escarninho:

— «Mas que ninhada, desajeitada, de côr cinzenta, tão pardacenta!... Tal bicharia, requere tosquia!» —

Até o estorninho parou seu vô, para piar, num tom ligeiro, muito brêgeiro:

— «Não tem lindeza nem boniteza, os coelhinhos! tão pintadinhos de feia tinta, de côr retinta!» —

Aos ouvidos da mãe Coelha só chegaram *são bonitinhos, engraçadinhos, um mimo tal, tão sem igual etc., etc.*

E assim, cheia de orgulho, muito pimpona, seguia atrás da prole que,



à frente dela, saltava, brincava, fungando, deliciada, o aroma das plantas silvestres.

— «Coelhinhos, tomai tento! Não esbarreis nalgum pedregulho! Nada de correrias! Pensem que à tardinha, temos de fazer a mesma caminhada. As vossas perninhas não estão ainda afeitas a tanta andata!» — recomendava a Coelha mãe.

Os seus conselhos eram baldados! Quem podia ter mão nos vivos coelhinhos que pela primeira vez galopavam, à vontade, entre penhascos e urzes?

Na toca, dois primos pararam, por fim.



Os coelhos, seus parentes, às vérias e sa' amaleques guinchavam, em côro:

— «Mas que pratinhos, Tão feiozinhos...»

— «São bonitinhos! São bonitinhos!» — acudia a Mãe Coelha, sempre presumindo que não diziam outra cousa.

Por lá passaram parte do dia, comendo bela erva da relva, em ameno convívio, uns com os outros.

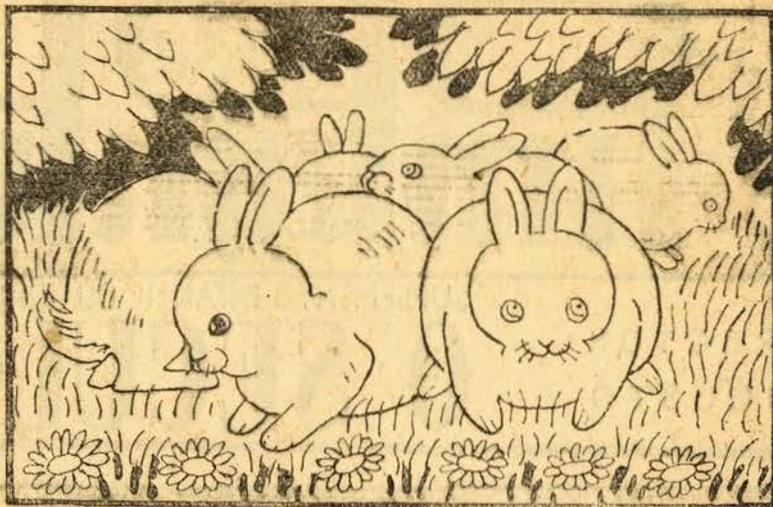
Mais adiante, ainda visitaram uma família das suas relações, onde lhes serviram boa serralha fresca e vários petiscos saborosos.

Os lambões dos coelhinhos tinham a barriguinha tão cheia, que já não podiam retouçar como dantes!

— «Ides rebantar de fartura! Sois uns glutões, comilões!» — ralhava a Mãe Coelha, aprensiva.

E, na verdade, de volta a casa, — já era sol pôsto — a difficil digestão de tanta comestina fazia com que os meninos coelhos não avançassem depressa.

A Mãe Coelha abanava as orelhas,



muito inquieta e incitava-os a correr.

E o pior é que a luz, agora, era confusa. Sombras desclam na folhagem escura e muitas vezes lhe custava a distinguir a sua ninhada que caminhava ao acaso, desordenada.

Nisto, estranho ruído fez pular, como mola sensível, a pobre Coelha.

Era o regouçar duma raposa, que nas proximidades farejava o mato, em cata de caça miuda, pela certa!

Num tremelique de nervos, a senhora Coelha guinchou baixinho: — «Coelhinhos, juntai-vos! Grande perigo vos ameaça!» — Atórdoados, os laparozinhos corriam e as suas cores pardas confundiam-se com a terra, com a poeira, os troncos das árvores... de tal forma, que a aflita Coelha não os distinguia.

Num brado de angústia clamou:

— «Se os rabos dos meus filhinhos ficassem todos branquinhos!...»

Outro galo cantaria! assim, já os guiaria! —

Ainda hoje está por explicar como o caso extraordinário sucedeu!

O que é certo, é que, de repente, em frente da Mãe Coelha surgiram um molho de rabinhos brancos, em lugar dos pardinhos e esses rabinhos, a remexer, sobressaíam tão bem entre o matagal que muito fácil se tornou encaminhá-los naquela fuga desesperada, através da floresta, até à toca, onde chegaram sãos e salvos.

Parece que a súplica da Mãe Coelha, do meu conto, ficou nas tradições das famílias dos coelhos, porque, daí por diante, a maior parte dos laparozinhos possuem todos rabos brancos e, assim, os olhos maternais não os perdem de vista, em ocasiões de perigo.

F I M

BONDAD E RECOMPENSADA

Por VIRGINIA NEVES VIDAL—(Violeta)
Menção honrosa do Concurso

NUMA pequena aldeia do Minho, Maria vivia com seus pais numa mísera choupana, onde o Sol e a chuva entravam por todos os lados, mas onde faltava o pão!

Pequenina, magra e olheirenta, fazia pena vê-la. Seus olhos grandes, negros enobrados por longas e espessas pestanas, deixavam transparecer a mais viva tristeza. E que inteligência a desse olhar! Sua boca de finos lábios artisticamente desenhados pela natureza, apertavam-se num ricto de dôr. Teria 10 anos, talvez. E, no entanto, aquela pobre criança, sofria já os revezes do Destino. Logo de manhãzinha, mal os galos começavam a cantar, ci-la a caminho da fonte ou do mato, envolta no seu chalito esfarrapado. Daí a pouco, voltava, trazendo, a sua cabecita, enormes feixes de le-

nha, ou então grandes cântaros de água. Pobre criança! Tão pequenina e sobrecarregada com enormes pesos, impróprios para a sua idade e constituição física! Toda a gente, lá na aldeia, se admirava da ferocidade de seus pais. Pois quem manda assim trabalhar uma criança franzina e doente, decerto é porque seus instintos são ferozes! Mas prossigamos neste singelo conto. Já fiz a apresentação de Maria, aos meus queridos leitores. Como vêem, a apresentação nada tem de aristocrática! Não vos apresentei uma menina cinéfila, cheia de sêdas, pedrarias, toleima e cabeça vazia! Apresentei-lhes Maria, que é o símbolo da nobreza, de caracter e do sofrimento resignado.

Fui um dia passear até essa pequena e distante aldeia. Como tudo seria



belo, como essas paisagens seriam encantadoras, se não tivesse a entristecê-las esse doloroso quadro que

(Continua na página 5)

O MENINO QUE QUERIA SER PALHAÇO

Por MARIO COSTA PINTO

SER palhaço!... Eis a maior aspiração do Augustinho, um menino de seis anos, irrequieto, esperto, mas mandrião!

Fez anos há poucos dias e o pai, que gosta muito dele, levou-o ao Coliseu a ver os palhaços que parecem de borracha pois que, por mais pancada que levem, por mais tombos que dêem, estão sempre satisfeitos e a rir às gargalhadas! O garoto gostou imenso do espectáculo. Esteve durante todo o tempo muito atento a todas as palhaçadas e, quando elas acabaram, julgou-se palhaço, também!...

De regresso a casa, só dizia ao pai que queria ser palhaço porque era uma vida divertida e não tinha que fazer contas para ganhar dinheiro...

O pai ouviu a confissão do filho, mas, como bom conselheiro, foi-lhe dizendo que os palhaços passam, geralmente, uma vida de tragédia, embora o público nunca os veja chorar!

O menino ouviu mas não se comoveu e só pensava na felicidade que lhe daria o usar uma vestimenta de seda, bordada a ouro, como aquela que eles envergam nas noites de espectáculo.

O Augustinho, já em casa, procurava inventar habilidades para arremedar os homens do Coliseu, mas nada conseguiu de jeito, pois não possuía os segredos de que só os palhaços são donos.

Ao outro dia pela manhã, o Augustinho foi para o colégio muito satisfeito porque era o penúltimo dia de aulas.

A senhora professora chegou nesse dia ao colégio ao mesmo tempo que os alunos e, depois de os haver examinado convenientemente, disse-lhes o seguinte:

— «Os meus meninos vão, agora, escrever nos seus cadernos o que desejam ser quando forem homens para eu saber quais as vossas inclinações.

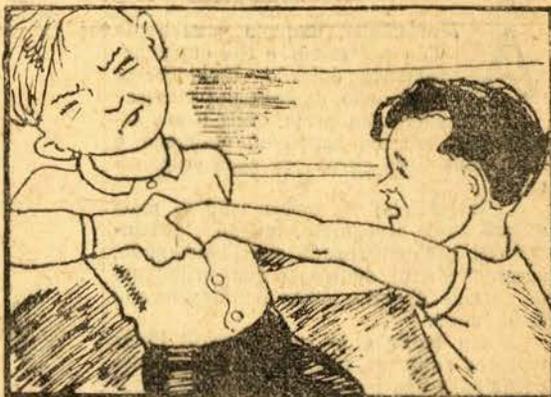
Todos eles cumpriram, rapidamente, o desejo manifestado pela mestra. No caderno da cópia, cada um escreveu o que desejaria ser.

Uns queriam seguir a carreira das armas. Outros queriam ser engenheiros, outros bombeiros, outros regentes agrícolas, etc.

Quando a aula terminou, entregaram os cadernos e foram saindo muito sossegados, porque é feio vir, para a rua a correr desordenadamente.

A senhora professora observou as respostas com muita atenção, mas quando chegou quasi ao fim da sua tarefa, parou, de súbito, a olhar para um dos cadernos, puxou os olhos para a testa, depois franziu o nariz e, com uma cara muito desagradável, começou a tocar piano em cima do tempo da sua secretária, nada satisfeita com uma resposta que lá tinha.

Ou representava uma troça, ou tinha um cábulu na



classe, — o que lhe parecia, muito mais natural!

Na manhã seguinte, ao abrir da aula — que era a última daquele período, — num tom grave, perguntou:

— «Quem é o menino Augusto?!»

— «Eu, minha senhora!» — respondeu um garoto que estava mesmo no fundo da sala.

E logo a senhora professora continuou:

— «Então o menino deseja ser palhaço?»

— «Sim, minha senhora. Desejo ser palhaço!»

— «E para quê?»

— «Ora! Para brincar toda a vida e não ter que fazer contas para ganhar dinheiro...»

— «Só por esse motivo?»

— «Não; também para ter um faço com vidrilhos como aqueles que eles usam no Coliseu...»

— «Fraco gosto, não lhe gabo a vocação! Pode sentar-se!»

Toda a aula tinha ficado em estado de sítio com a confissão do Augustinho e logo os colegas entenderam dever arranjar carapuços de papel para oferecer ao seu companheiro, futuro «faz-tudo»...

No dia seguinte, começaram as férias. O garoto estava desastrado o mais que uma pessoa pode estar e, como não queria ser palhaço sozinho, juntara-se ao irmão — um pequenino de quatro anos — que estava sempre a postos para a brincadeira, como era natural.

O que o Augustinho não compreendia era que os palhaços fizessem o que ele não era capaz de fazer: dar cambalhotas, enrolar-se, deitar-se e dar saltinhos, cair de grande altura e ficar aos saltos no chão como uma bola de borracha, etc.

Perguntou à Mãe porque motivo os palhaços não se magoavam e se podiam dobrar daquela maneira. Logo a Mãe lhe respondeu que os palhaços são todos desengonçados e por isso conseguem o que qualquer de nós não é capaz.

Satisfeito com a resposta, foi-se embora. Nessa mesma tarde, ele e o irmão estavam brincando no jardim quando de súbito a Mãe ouviu o pequenino gritar, muito aflito.

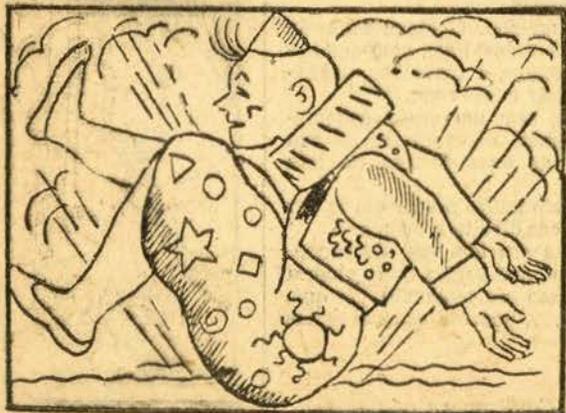
Foi ver o que era e qual foi o seu espanto quando encontrou o Augustinho a puxar desalmadamente pelos braços e pelas pernas do irmão com tanta fúria, que mais parecia um selvagem...

A presença da Mãe pôs termo à barbaridade e, como não era para brincadeiras, repreendeu, severamente, o filho, ao mesmo tempo que lhe perguntava:

— «O que estava o menino a fazer?!»

E o garoto, na ingenuidade dos seus seis anos, respondeu com a maior franqueza:

— «Minha Mãe: estava a desengonçar o mano para depois podermos brincar aos palhaços.»



À BEIRA MAR

POR GRACIETTE BRANCO

Desenhos de A. CASTANÊ

A Mariazinha, naquela manhã de Céu puríssimo e Sol caprichosamente doirado, levantara-se mais cedo, ansiosa por pisar as areias da praia, onde o seu espírito de criança saudável, amimada e feliz, dava livre curso aos seus entusiasmos.

A Mariazinha ia, nessa manhã, mais alegre, mais irrequieta, levando, pendurado na mãozinha rosada, o seu balde novo, amarelo e azul, dentro do qual brilhavam as fôrmas de lata, muito luzidias, na sua folha nova.

O seu balde e as suas fôrmas! Pelas maiores riquezas, pelos mais sumptuosos palácios, pelas mais esplendorosas maravilhas, não trocava a Mariazinha o seu balde novo e as suas fôrmas novas, deliciosamente ingênuas... A sua imaginação, vibrante e entusiástica bordara, com todo o sonho do seu idealismo puro de criança, êsses simples brinquedos, revestindo-os de encanto excepcional.

Para ela, eram tudo!



Noites inteiras, sonhando com coisas lindas e, entre elas, sempre o balde amarelo e azul e as forminhas de lata luzidia...

Pé aqui, pé ali, a caminho da praia, a Mariazinha, muito loira, muito fresquinha, parecia uma figurinha irreai, tôda nimbada de pureza e doçura...

Chegou à praia, sentou-se sob o toldo às largas riscas verdes e brancas, descalçou as sandálias e, sob o olhar vigilante da Mãe, começou a brincar...

Que deliciosa e estranha alegria dá a realização dum sonho!

Como ela se sentia imensamente feliz! Tôdo enleada estava no seu entreteni-



mento que nem deu, a princípio, por dois olhinhos azuis, redondos e pequeninos, que, a seu lado, lhe seguiam, um a um, os movimentos.

Esses olhinhos, ora olhavam o balde, ora as fôrmas, ora a carinha bonita da Mariazinha, onde a alegria abria um largo clarão de êxtase profundo.

Subitamente, Mariazinha voltou-se e, ao dar com o garotinho andrajoso, possuidor de tão bonitos olhos, perguntou-lhe:

— «Gostas de me ver brincar? Porque não brincas, também? Vai buscar os teus brinquedos de praia e brincamos os dois.» Mas o pequenito, tristemente, respondeu:

— «Não tenho nada com que brincar, menina! Nunca vi coisas tão lindas! Deve ser muito bom ter um balde e umas forminhas, como essas.»

Um traço profundo nasceu na testa pura de Mariazinha e uma nuvem sombrea o seu olhar alegre.

— «Não tens nenhum brinquêdo? És muito pobrezinho?»

— «Sou, sim, menina. Gostava tanto de os ter! Mas os meus Pais, nem que andassem uma semana a trabalhar, ganhavam para comprar essas coisas!»

Singelamente, sem um gesto espectacular, Mariazinha estendeu-lhe o seu balde novo e as suas fôrmas de lata luzidia.

— «Toma. Sinto muito prazer em te dar isto. Também tens direito a brincar!»

E a sua alma era tão boa, tão excepcionalmente boa, que sentiu tanta alegria neste gesto como no momento em que, pela primeira vez, possuiu os seus lindos brinquedos.

(Continua na página 6)



O NARRADOR

MENINAS e meninos, atenção! Ides ouvir o que a mosquinha ouviu, a esvoaçar em cada habitação onde o mando do céu a conduziu. É uma história... Ouvi-a; sem desdoiro ao vosso brio ou mesmo às vossas casas...

Era uma vez uma mosquinha de oiro, de oiro porque lhe dava o sol nas asas; môsca que tinha uma missão no mundo: — Ir segredar a Deus tudo o que ouvisse de bom ou mau por sob o céu profundo; acção nobre, acção má ou traquinice praticadas por todos os bêbês, a-fim de que, em Dezembro, quando baixou o velho Pai Natal às chaminés, trazendo, às costas, uma grande caixa ou saca com brinquedos e bombôns, — soldadinhos, cornêtas, arcos, páus — poder recompensar os que são bons e poder castigar os que são maus.

(Zumbido da môsca.)

Ides seguir o vôo da mosquinha e ouvir o que ela ouviu. Muita atenção!

Janela aberta, além, numa casinha... E ei-la a zumbir já nessa habitação.

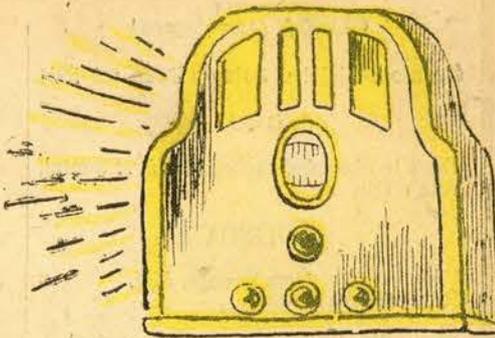
Mora aqui a Tininha, uma menina que tem sete anos só. Péle rosada, olhos azuis e o cabelinho loiro. Almoça com os pais... É bem criada?...

Eis o que vai saber a môsca de oiro!



O que a mosquinha ouviu...

CONTO RADIOFÔNICO EM 2 EPISÓDIOS
E EM VERSO POR
AUGUSTO de SANTA-RITA



(Grupo à mesa — Tilintar de talheres.)

O PAI (Repreensivo)

Então, Tininha, eu já te tenho dito, vezes sem conta, que não é bonito pôr em cima da mesa os cotovêlos.

TININHA (Agastada)

Então, Papá, onde é que eu hei-de tê-los?

O PAI (grave)

Em parte alguma.

TININHÂ

Assim?...

O PAI

Pois com certeza. Corpo direito, os pulsos sôbre a mesa.

TININHA (chamando, num berreiro)

O' Maria... Maria! O' Mari-i-i-ia!...

O PAI (austero :)

Que quere isto dizer?! Que gritaria! Quantas vezes, também, eu já lhe disse que não se grita à mesa, que pedisse o que quizesse, em têrmos, à Mãezinha.

TININHA

Não tenho guardanapo.

O PAI (Repreensivo)

A campainha não se inventou senão para tocar.

(Toque de campainha)

A CRIADA (entre portas)

A senhora chamou?

A MÃI

Sim; vai buscar o guardanapo e a sopa da menina.

TININHA (Irritada)

Não quero a sopa, Mãe! A sopa não!... Que porcaria a sopa!

A MÃI (numa censura :)

Tina, Tina, que maneiras são essas?!... Atenção ao que eu te vou dizer: — É uma heresia chamar ao que se come porcaria. Chamar-se porcaria ao que se come é um pecado; ouviste? Esta sopinha ai quem a dera a tantos que têm fome!

O PAI (severo :)

Comes, que manda o Pai; ouves, Tininha?!

A MÃI

Come, Tininha; olha o Papá que ralha!

TININHA (com azedume)

Eu vomito, mamã!



A MÃI

Que modos, Tina!

(Copo que tomba)

O PAI

Pronto!... Entornaste a água na toalha!

A MÃI (num desespero)

Ai, que má que tu és! Oh, que rabiná!...

O NARRADOR

E a mosquinha doirada que poisara no florido «abat-jour» do candelieiro

da sala onde esta cena se passara, voou para um diverso paradeiro a dois passos da casa onde estivera; a casa do caseiro do papá desta menina, esta menina que era feia, travêssa e má.

(Novo zumbir da môsca)

E que ouviu a mosquinha? Ides saber. Atenção, atenção!

Ei-la a poisar num canto da lareira para ver o que se passa, aqui, nesta choupana.

(Cessa o zumbido)

A cena representa, agora, um lar de gente pobre; a casa da ti'Ana. Olinda, a filha do caseiro, tem dez anos só, apenas dez. Porém, no juízo parece ter bem mais. Lava a roupinha, varre, ajuda os pais e vive alegremente.

Ei-la a cantar, tôda entregue à limpeza do seu lar.

OLINDA (cantando)

(Restolhar de vassoura)

Varre, varre, vassourinha, varre ligeira e suave, para que a nossa casinha se torne muito limpinha, limpa como um ninho de ave!

Varre, varre, vassourinha, varre ligeira e suave, varre, varre, ligeirinha!

A MÃI (chamando)

Olinda!...

OLINDA

Mãe?...

A MÃI

Que estás fazendo, agora?

OLINDA

Acabei de varrer.

A MÃI

Põe a vassoura no seu lugar e vem jantar, cachopa! Já cá está o «tê» Pai... Fumega a sopa...

OLINDA (com doçura)

Pronto, Mãizinha. Salve-o Deus, mê Pai!

O PAI

Deus te abençoê, cachopa! Vá... Sentai, Ana e Olinda.

OLINDA

Com licença, Mãi.
Rica sopinha!

(Um silêncio — Ruído, leve, de pratos)

A MÃI

Mais? Soube-te bem?
Então, repete, vá... Deus no-la dê sempre.

(Ruído de alguém que bate)

O PAI

Estão a bater. Vai ver quem é.

O POBREZINHO (à porta)

Uma esmolinha!...

OLINDA

Um pobre, Mãi!

A MÃI

dá-lhe duas fatias dêste pão.

Então,

OLINDA

Sim, minha Mãi. E, se não leva a mal, vou dar-lhe a minha sopa... Que, afinal, repetir já não posso...

(Dirigindo-se ao pobre)

Tome, tome...

Vá, entre e coma, enquanto a gente come.

O NARRADOR

Vôa a mosquinha de oiro, novamente, através do postigo da choupana, mas, desta vez, alegre, tão contente, por ver que, na casinha da ti' Ana, o pai Natal há-de baixar, em breve,



com sua enorme saca de «bonitos», sob as estrelas, recalçando a neve, a-fim-de premiar os pequenitos, que sejam bons e d'alma caridosa, como esta Olinda, menina delicada e generosa, numa palavra: — linda!

(Aumenta o zumbido da mosquinha)

Segui o vôo da mosquinha, vai, subindo sempre pelos altos Céus, ao Paraíso, onde o divino Pai de todos nós, a aguarda; o Pai que é Deus!

Vôa, tôda doirada, ao Sol bemdito, e entra, por fim, na divinal mansão, sôbre o lindo mirante do Infinito.

(Música sacra, em tom crescente)

— «Senhor, Senhor, mais uma nobre acção presenciei há pouco!»

— «Ora inda bem! Onde, em que sítio? Aponta!»

— «Além, além, para lá daquele astro!» — a môsca diz.

— «S. Pedro!... — (chama, então, Nosso Senhor,

todo alegre, a sorrir, muito feliz) — Vai-me buscar o óculo do Amor, cuja lente da coisa mais pequena faz a coisa maior!»

E o Padre Eterno olha, torna a sorrir, pega na pena, e com seu ar risonho, prazenteiro, vai buscar um caderno e no caderno escreve: — «Olinda, filha do caseiro!»

Uma anedota
do André

Certa vez, André perguntou ao irmão:

— Sabes para que serve a côdea do pão?

— Palavra que não sei...

— Adivinha...

— Não sou capaz...

— Ora essa! Pois a côdea serve para embrulhar o miôlo.

CHARADAS

EM FRASE

1 — Este homem *sacha* para depois semear esta *planta* e poder conduzi-la neste *quadri-pede* — 2 — 2

2 — A *fisionomia* deste *homem* tem uma expressão *doce* — 2 — 2

3 — Este *pássaro* *côr* do *pêlo* da *ovelha* gosta dêste *fruto* — 2 — 2

Solução do número anterior:

1 — Emissão

À beira mar

Continuado da página 3

No olhar da Mãizinha, havia uma lágrima alegre e, na boca, um beijo de reconhecimento.

Que esta pequenina história, simples e verdadeira, sirva de exemplo a todos os meninos que brincam nas praias, à sombra protectora dos toldos...

F I M

BONDADERE
RECOMPENSADA

Continuado da página 2

saltou aos meus olhos. Cheguei à cabana de Maria. De dentro, saíram gritos que me feriram a alma.

Uma senhora elegante, dos seus 30 anos, aproximou-se, com rapidez, do local onde eu estava. Bateu à porta. Um momento de silêncio. Por fim, Maria veio abrir a porta e apareceu com o seu rostozinho vermelho e os olhos,

esses magníficos espelhos da sua alma sofredora, inchados de tanto chorar. No entanto, seus lábios conseguiram entreabrir-se num sorriso que ela pretendia tornar agradável, mas que só conseguiu mostrar tristeza e resignação. Quem era essa senhora que a tomou nos braços e que a beijou sôfregamente? Nunca o soube. Ela levou a criança que, pobre dela! ainda deixava receosa essa casa onde tantos maus tratos recebera.

Entreí na choupana. Um homem hércules e vermelho dormia sôbre uma esteira. Uma mulher de olhar desvairado e feições de verdadeira

alcoólica, estava deitada por terra. Ao ver-me, ergueu-se um pouco, fixando-me com seu olhar turvado. A medo, contei-lhe o sucedido e, na sua cara, desenhou-se uma expressão horrível. Soltou uma gargalhada de verdadeira tarada e exclamou: «Qu'importa isso? Deixá-la ir! Essa rapariga era uma intrusa na minha casa! Só comia, dormia e não trabalhava! Não estou para sustentar os filhos dos outros! Sim, sim! ela não é minha filha! Encontrei-a no portal da minha casa, numa noite fria de inverno! Pois que vá! vá! e não me apareça mais!» Excitada por tanta eloquência, caiu no

CONCURSO DOS PALÁCIOS
E
MONUMENTOS DE PORTUGAL



solo desamparada, escorrendo-lhe da boca uma baba nojenta...

São passados alguns anos. Ao passar hoje por uma casa de aparência luxuosa, parei para ouvir os acordes dum violino, ao mesmo tempo que uma voz suave e harmoniosa chegava, também, aos meus ouvidos. Fiquei como petrificada pela magia daquela voz. Passados momentos, vi uma interessante rapariga chegar à janela, tocando no mágico violino. Meu Deus! Quem era? Ela? Maria? Sim! Ela, Maria com a sua radiosa beleza.

Não era aquela beleza triste e apagada doutros tempos. Era uma beleza sábia e real. Seu olhar, o mesmo olhar belo e profundo, marejava-se de lá-

grimas ardentes. Mas não eram lágrimas de sofrimento! Eram lágrimas de sentimento artístico!

Soube agora que Maria fôra recolhida por aquela senhora, por saber que ela era uma menina inteligente, boa e que sofria muito, mas sempre obediente àqueles que tanto mal lhe faziam e que não eram seus pais!

Pobre engeitadinha!
Sofreu, sofreu, mas a sua bondade fez com que ela hoje seja uma menina feliz e rica, e, acima de tudo, uma grande artista!

A felicidade está, pois, reservada para aqueles que sabem sofrer sem uma queixa, sem um gesto de desespêro!

REFERÊNCIA
AUXILIAR

No local onde se ergue este soberbo palácio existiu uma capela onde se venerava a imagem de N. S.^a, trazida da Ericeira por uma devota que lá se refugiara por ocasião da tremenda peste que assolou a capital em 1599.

Em 1659 Pedro de Castilho comprou as casas anexas à capela e formou um templo mais vasto que o anterior. D. João IV, que tinha grande devoção pela S.^a das Necessidades, doou-o com objectos de raro valor e muitos rendimentos.

Em 1742 adoecendo, o rei D. João V, no Paço da Ribeira, mandou vir para junto de si a milagrosa imagem. Assim que se viu livre de perigo, benefício este que atribuiu à Virgem, mandou construir um magestoso templo, em substituição da antiga igreja. Depois comprou os terrenos próximos onde igualmente construiu o palácio, assim como um convento destinado aos congregados de S. Felipe Nery. Começou a sua construção em 1745 tendo sido seu arquiteto Caetano Tomaz de Sousa. Em 1750 estava terminado.

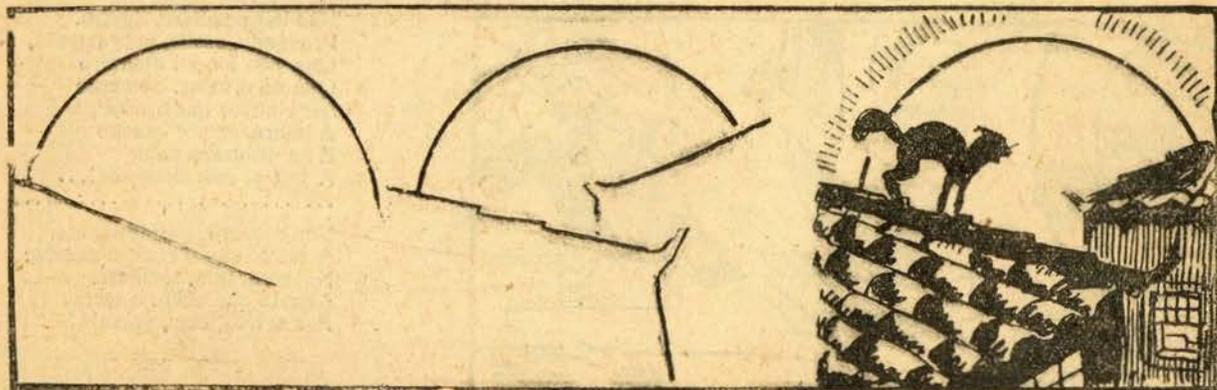
Foi residência de muitos reis assim como de hospedes ilustres de Portugal. Lá faleceu D. Maria II, em 15 de Novembro de 1855.

Durante algum tempo funcionou nas suas salas a Academia Real das Ciências e realizaram-se, também, as primeiras cõrtes extraordinárias de 1821.

CONCURSOS MENSAIS

Em virtude da muita aglomeração de originais, cuja apreciação tem de ser feita conscienciosamente, só no próximo número daremos o resultado da 2.^a série dos nossos concursos mensais, relativos ao mês de Julho.

L I Ç Ã O D E D E S E N H O

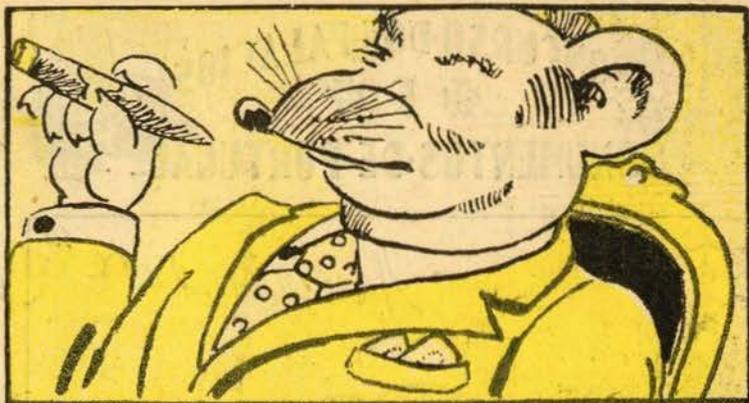


Como se desenha um gato num telhado

A nobreza do Ratão

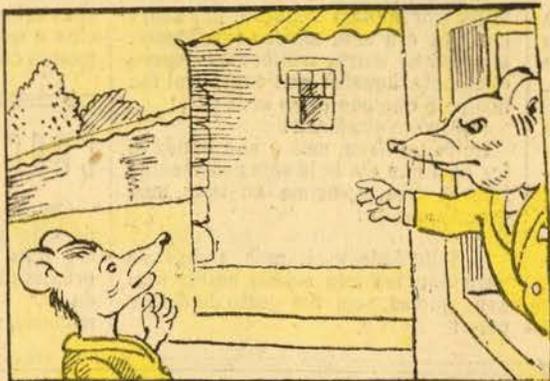
Por ARGENTINITA

SENTADO num cadeirão,
Com um ar patriarcal,
O nobre senhor Ratão,
la lendo o seu jornal.
De quando em quando, vaidoso,
Bela fumaça aspirava
Dum havano majestoso,
Que em cinzeiro repousava;
— Rico cinzeiro de prata,
Presente de sua esposa
A formosa Dona Rata! —
Perto do pai, a Ratinha,
Mimosa — (um mimo de graça) —



Através da janelinha,
Olhava p'ra toda a praça,
Na ânsia de ver passar
O lindo rato Negrão,
Que lhe fazia pulsar,
Doidamente, o coração.

Nisto, deu um grito, ao ver
O seu garboso Negrão,
E até fez estremecer
O papázinho Ratão...
Este tirou, com jeitinho,
Os óculos que postos tinha
No rubicundo focinho
E correu para a ratinha,
Julgando que a filha qu'rida,
Ia ter algum chique...
Mas, vendo-a tão derretida
A sorrir, com arrebique,
Ao Negrão — esse estouvado



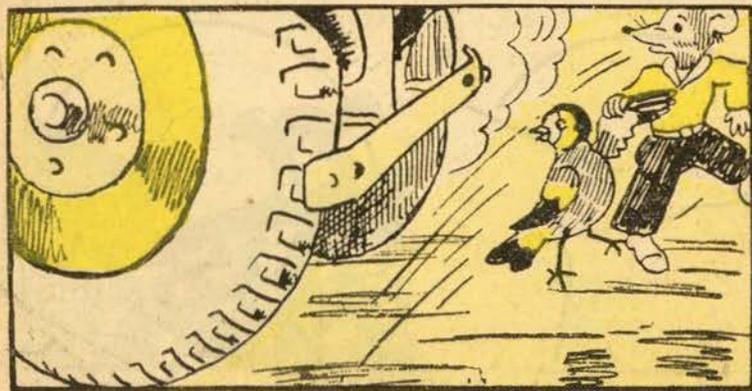
De quem o papá Ratão
Não gostava nem pintado! —
Gritou em voz de estentor,
Que até a casa tremeu,
E fez tremer de pavor
A mimosa e o seu Romeu:

— «Fora d'aqui! gira! gira!
Sua a cara sem vergonha...
Até parece mentira
Que seu nobre olhar se ponha
Num pobre João Ninguém,
Num horrível farroupilha!
Você, que riqueza tem
E nobreza que rebrilha!...»
Sem mais se importar com ela,
Que de susto desmaiou,
Debruçou-se na janela,
E ao pobre Negrão, berrou:
— «Seu D. Juan duma figa,
Seu pelintra sem vintém,
Vamos, seu caminho siga,
Se não quer' provar também
Rico chá de marmeleiro...
Não sabe, seu vagabundo,
Que só quem possui dinheiro
Tem valor cá neste mundo?!...»

Deus ouviu a imprecação,
E ali mesmo quis mostrar
Ao presunçoso Ratão
O erro do seu pensar.
Nessa rua, mesmo ao meio,
Um pintassilgo — algo pisco! —
Debicava com anseio
Um grão — que belo petisco! —
A rodar com ligeirasa,
Vinha perto um camião,
Que esta avezinha indefesa
Mataria, se o Negrão

Não lhe acudisse, ligeiro,
Provando, assim, nobremente,
Que não é o vil dinheiro
Que dá o valor. Sômente
Será nobre quem tiver
A honradez por braço
E na desgraça valer
A todos, sem distinção!...

Vou resumir, simplesmente,
A moral que o conto encerra:
Nobreza, terá, sômente,
Aquele que sôbre a terra
For activo, bom, valante!



■ F I M ■